

PARCERIA DA FAMÍLIA NO TRABALHO REMOTO COM CRIANÇAS ALFABETIZANDAS: APORTES TEÓRICOS FREIRIANOS E CONVERGÊNCIAS

Margarete Nunes¹

Maria das Graças de Araújo²

Escilda Manique Barreto Mesquita³

Eixo temático 10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O texto objetiva debater caminhos e dificuldades para alfabetizar através do ensino remoto e apresentar materiais didáticos para o período pandêmico experimentado por meio de uma intervenção pedagógica. Responde a pergunta: é possível oferecer de modo remoto bases primordiais para assimilação da leitura e escrita? Foi adotada a metodologia da pesquisa colaborativa com base em Ibiapina (2008). Para isso contou com parcerias entre família-aluno-escola. A ação realizou-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cora Coralina, em Ji-Paraná no Estado de Rondônia. O estudo envolveu a família e pesquisadores que se agregaram a avaliação colaborativa dos resultados da ação pedagógica e analisaram os dados da aprendizagem advinda destas ações que atenderam aos educandos da 1ª e 3ª série do ensino fundamental, como forma de colaborar no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. As bases teóricas principais para fundamentar a prática foram: Ferreiro; Teberosky (1999), Soares (2020), Freire (2001). Para os modelos de materiais didáticos, nos orientamos pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Os resultados parciais com o uso dos materiais propostos foram satisfatórios e constatados por meios de depoimentos dos familiares e os diagnósticos demonstrados nas atividades realizadas pelos educandos e anotações no caderno de campo em uso na sala de aula. Constata-se também, o processo de conscientização para atingir a conjugação entre alfabetização e letramento.

Palavras-chaves: Alfabetização, Letramento, Ensino remoto, Material didático

Introdução

Um dos grandes desafios da atualidade é a garantia dos direitos de aprendizagem com qualidade para todos os níveis da educação do nosso país, principalmente nesta fase de obscurantismo das políticas atuais para a educação no interior das quais se encontra a política para atender ao ensino de leitura e escrita oferecida pelos programas de formação continuada que desconsideram as múltiplas dimensões do ato do ensino e aprendizagem neste campo

¹Pós Graduada em Psicopedagogia e Gestão Escolar. Professora da Educação Básica do Estado de Rondônia. Contato: margaretenunes2009@gmail.com

²Mestra em Educação, trabalha na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Rolim de Moura no Curso Pedagogia. E-mail: graca.araujo@unir.br

³Acadêmica de Pedagogia na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Rolim de Moura. E-mail: escilda_manique@hotmail.com

do saber. Tais limitações seguem limitados aspectos linguísticos, cujas orientações dos programas para formação de alfabetizadores desta política, chamam de método fônico. Temos o exemplo atual de um dos manuais do MEC (2021), o “Manual do Curso ABC” de formação continuada por nome “Alfabetização Baseada na Ciência”, e qual ciência? Título atrativo com o objetivo de estimular o uso do referido “método”.

Em meio às indicações deste obscurantismo nos encontramos desde o ano de 2020 com a modalidade de ensino remoto e sem a devida orientação de bases teóricas metodológicas. A partir da realidade de mediar aprendizagens no campo da alfabetização em tempos de pandemia, buscamos bases para nossa ação docente nas pesquisas bibliográficas sobre a temática, ou seja, o repensar e refazer nossa prática se fez necessário. Concordamos com Soares (2020, p. 9), quando diz que: “[...] ter acesso à escola, mas não ter acesso a um ensino de qualidade significa não conquistar igualdade de direitos e de possibilidades – bases da democracia”.

A investigação colaborativa das mediações pedagógicas desdobrou-se nas seguintes indagações: Como alfabetizar através do ensino remoto? O ensino/aprendizagem de forma remota é satisfatório na mesma dimensão do ensino presencial? Quais as dificuldades encontradas na cultura digital pelas famílias e professores? Essa modalidade de ensino oferece condições satisfatórias de interação entre família/aluno/professor, tão necessária para esta faixa etária do ensino? Por meio da prática do ensino remoto, quais são os resultados em termos de apropriação do sistema de leitura/escrita dos alunos com o material proposto?

Organizamos o texto em três partes. A primeira intitulada “O processo de alfabetização por meio do ensino remoto” discute sobre as inquietações em busca de caminhos para atender a crianças da 1ª e 3ª séries em fase de alfabetização, a segunda parte “Percurso metodológicos e mediações múltiplas: O professor, a família e o aluno”, discute acerca do processo da ação colaborativa dos sujeitos da aprendizagem, que são aqueles que fazem a escola e os familiares dos educandos. Por fim, a última parte que trata dos “Resultados parciais: uma análise da ação colaborativa” demonstra passos e constatações de aprendizagens satisfatórias.

1. O processo de alfabetização por meio do ensino remoto

O processo de ensino/aprendizagem é entendido, como um conjunto de várias ações dos sujeitos envolvidos, tendo como referência os eixos das habilidades e capacidades de compreensão e valorização da cultura escrita, considerando as relevantes contribuições de estudiosos como Vygotsky (1991), Ferreiro; Teberosky (1999), Soares (2020), Morais (2020), entre outros, tão importantes na dimensão do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Freire; Macedo (1990) corroboram com o exposto quando destacam que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e que a realidade conhecida pelo educando é o ponto de partida para a escolha das palavras e temas geradores.

Vygotsky (1991) indica níveis que o educando alcança a cada momento que se encontra com mediadores e objetos do conhecimento, que destacou como zonas de desenvolvimento real, potencial e proximal para a aprendizagem em qualquer área do conhecimento. São ideias que se coadunam com os aspectos tratados por Ferreiro; Teberosky (1999) na aprendizagem da leitura e da escrita destacado como níveis pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

Segundo Soares (2019, p. 66), “[...] A teoria dos níveis de leitura e de escrita de Ferreiro e Teberosky tem como quadro de referência a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget, e por isso é uma teoria não propriamente de aprendizagem, mas de apropriação do conhecimento”.

Simões, et at.(2018. p. 24), chama a atenção para a vinculação das teorias de Piaget e Vygotsky no campo da neurociência e a partir daí observar as contribuições que podem existir: “[...] Fomentar debates que podem impulsionar novas práticas, com inovações pedagógicas que considerem o desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como a maneira como o cérebro aprende e quais mecanismos estão envolvidos durante a aprendizagem”.

Sobre as inovações necessárias ao ensino remoto, jogos pedagógicos fizeram parte de inovações lúdicas neste estudo. Pesquisas comprovam que a ludicidade é necessária em função da brincadeira ser constitutiva da condição de criança. Morais (2020, p.142) afirma:

Conseguir ajudar a aprender brincando é respeitar um modo básico de funcionar das crianças, é realizar um ensino que aciona a motivação intrínseca: o indivíduo sente desejo de aprender porque experimenta o prazer de explorar, de descobrir, de viver o gozo de competir e ganhar etc.

Em meio ao ensino remoto, é de grande relevância compreender como o processo de ensino e aprendizagem acontece. E por esta razão é importante se apropriar de conhecimentos que habilitem o educador para atender aos educandos através das diversas plataformas digitais como partes integrantes deste processo, que Alves (2020, p. 352), define:

É nesse contexto que vem emergindo uma configuração do processo de ensino-aprendizagem denominada Educação Remota, isto é, práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas.

Na dimensão da responsabilidade, cumprindo o seu papel enquanto mediadora do saber, o professor deve ter como objetivo a transformação da prática docente corriqueira,

agregando aprendizagens das ferramentas tecnológicas. Oliveira, et al. (2020, p. 416), apontam que:

[...] Esse processo, denominado no senso comum “alfabetização tecnológica”, deve ser analisado enquanto processo histórico e, no caso do professor, não deve estar vinculado predominantemente a experiências cotidianas somente, mas, a processos formativos, iniciais e continuados, baseados nas Ciências da Educação e em pressupostos didático-epistemológicos.

Portanto, o exposto nos indica que passamos a necessitar da dimensão tecnológica da alfabetização, pois, estamos vivenciando novos conceitos e práticas para a educação que o ensino remoto requer e que esta modalidade teve uma inesperada expansão com a chegada da atual pandemia. Para Joye et al. (2020, p. 13), “Esse tipo de ensino remoto, praticado na pandemia, assemelha-se à EaD apenas no que se refere ao uso de uma educação mediada pela tecnologia digital”.

No contexto da alfabetização essas afirmações nos levam a seguinte reflexão: Seja no período pandêmico ou não, as necessidades para o desenvolvimento da aprendizagem da criança são inúmeras, entre elas estão as metodologias que facilitem a interação aluno/professor e a interação professor/família/aluno. Cunha et al. (2020, p. 34-35), comentam: “Sabemos que parte destes alunos não terão nenhum suporte em casa. Dois dos motivos são a falta de tempo dos pais/familiares trabalhadores e a falta de instrução deles em razão de possuírem baixa ou nenhuma escolaridade”.

É neste sentido de enfrentamento de dificuldades da família, dos professores e da escola, que foram geradas as angústias, os conflitos mentais que deram origem a esta mediação pedagógica e a investigação colaborativa, a qual gerou o texto em pauta.

2. Percursos metodológicos e mediações múltiplas: o professor, a família e o aluno

A relação entre escola e família traz respostas ou perguntas no tocante à diferentes compreensões colaboracionistas. Oliveira; Marinho-Araújo (2010, p. 107) observam,

[...] Esta relação sempre esteve marcada por movimentos de culpabilização de uma das partes envolvidas, pela ausência de responsabilização compartilhada de todos os envolvidos e pela forte ênfase em situações-problema que ocorrem no contexto escolar.

Nos dias atuais para Cunha, et al. (2020, p. 34), a conclusão já não é a mesma: “Observamos que os estudantes, os professores e as famílias têm se esforçado na tentativa de superar os obstáculos e prejuízos decorrentes da interrupção das aulas presenciais”.

Diante do exposto, podemos concluir que a tão esperada parceria/harmonia entre escola/família/aluno chegou? Ou esta aconteceu imposta por meio das orientações do Ministério da Educação (MEC), através do Parecer (BRASIL, 2020, p. 9), nº 5/20, que relata o seguinte:

Nesta etapa, existem dificuldades para acompanhar atividades on-line uma vez que as crianças do primeiro ciclo encontram-se em fase de alfabetização formal, [...]. No entanto, pode haver possibilidades de atividades pedagógicas não presenciais com as crianças desta etapa da educação básica, mesmo considerando a situação mais complexa nos anos iniciais. Aqui, as atividades devem ser mais estruturadas, para que se atinja a aquisição das habilidades básicas do ciclo de alfabetização.

Para nós esta parceria sempre foi exigida pela escola e os pais com cobrança ou não em sua maioria, na medida do possível, sempre foram os parceiros da aprendizagem dos seus filhos.

3. Resultados parciais: Uma análise da ação colaborativa

As crianças em seus anos iniciais de escolarização, necessitam de acompanhamento durante o processo de aprendizagem. Sobre esta afirmativa Soares (2020, p. 309) nos adverte que,

[...] Esse acompanhamento se faz orientado por diagnósticos, pela identificação de dificuldades durante o processo de aprendizagem ou de ensino a fim de intervir e orientar, e não por meio de avaliação, pela identificação de qual “valor” a criança atingiu, em determinado momento desse processo inicial de aprendizagem.

Refletindo no chão da escola e com o olhar voltado à realidade e ao espaço diferente que cada indivíduo ocupa, as particularidades de vida de cada educando, a presença de materiais distribuídos através do PNAIC voltados para a alfabetização e letramento, produzimos material específico para aulas no ensino remoto e distribuimos com as famílias. Como mostra a figura 1, composto por 1 caderno, capa em E.V.A, titulado Caderno dos Sons, com seções de abertura utilizando as letras do alfabeto, folhas pautadas; fichas com o alfabeto contemplando os 4 tipos de letras; alfabeto móvel maiúsculo e minúsculo; 2 livros de literatura infantil; caixa de jogos de alfabetização e 1 sacola em TNT.

O material se apresenta como uma das orientações pedagógicas adotadas pela escola desde março do corrente ano, exposto na figura 2. As aulas são atendidas individualmente via Whatsapp, duas vezes por semana. Alunos e a professora usufruem do mesmo material. Quinzenalmente é feita a troca dos livros de literatura infantil como também das caixas de jogos.

Figura 1 - Material didático



Fonte: Banco de dados das autoras

Figura 2 – Distribuição para famílias



Diante de tantas inquietudes e reflexões, verificamos com a metodologia do material didático produziu contribuições e resultados satisfatórios, ainda que parciais, como:

A) Alfabetização e ensino remoto apesar de precário vêm dando sua parcela de contribuição para que a alfabetização aconteça não na dimensão necessária, porém mediante as ações possíveis de se concretizarem.

Concordamos com Joye et al. (2020, p. 24), quando ela diz que: “[...] A falta de investimentos nessa área é uma das principais dificuldades para o planejamento de políticas públicas de inclusão social [...]”.

B) São inúmeras as dificuldades em torno da cultura digital. Presenciamos a deficiência e optamos pela estratégia online do Whatsapp, por serem de fácil acesso e domínio no dia-a-dia de todos.

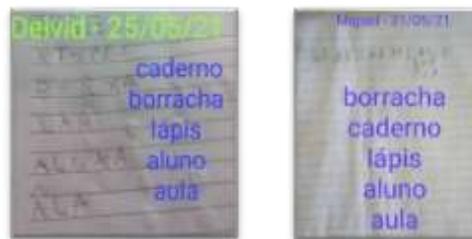
C) Houve significativo envolvimento dos familiares, mães, pais, avós e tias (professoras aposentadas), irmãos que colaboram entre si no entendimento tecnológico, irmãos da educação infantil que ainda não fazem parte da clientela da escola, como também babás dos alunos, figura 3, participam das situações, seja de leitura, escrita ou jogos.

D) Quanto aos resultados em termos de apropriação do sistema da leitura e da escrita dos alfabetizandos, diz respeito aos diagnósticos periódicos realizados bimestralmente conforme nos orientam Soares (2020, p. 312), Ferreiro; Teberosky (1999), nos comprovam, avanços que vem ocorrendo ao longo do processo de acordo com o exposto na figura 4, do ponto de vista construtivo dos alunos no caminho da transição e da compreensão do sistema de escrita.

Figura 3 – Participação dos familiares



Figura 4 - Diagnóstico Bimestral



Fonte: Banco de dados das autoras

Dentro deste contexto, Cunha, et al. (2020, p. 34), reforça nossas preocupações ao dizer o seguinte: “Observamos que os estudantes, os professores e as famílias têm se esforçado na tentativa de superar os obstáculos e prejuízos decorrentes da interrupção das aulas presenciais”. Isso foi percebido entre nós ao concretizarmos momentos de interação, conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem entre os envolvidos nesta ação colaborativa.

Considerações finais

Pesquisas comprovam que o confinamento resultou em um contato físico e social reduzido, causando impactos negativos quanto ao bem-estar de cada um, sintomas como: medo, pânico e tristeza passaram a ser presentes no cotidiano familiar. Conscientes das dificuldades enfrentadas os colaboradores da ação pedagógica e investigativa percebe uma expectativa satisfatória em torno do material produzido para além do esperado.

Referências

ALÇADA, Isabel. et al. **Alfabetização Baseada na Ciência: Manual de curso ABC.** organizado por Rui Alexandre Alves, Isabel Leite; coordenado por Carlos Francisco de Paula Nadalim – Brasília: Ministério da Educação (MEC); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), 2021.
http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/manual_do_curso_abc.PDF. Acesso em 18/07/2021.

ALVES, Lynn. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade.** Interfaces Científicas. Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/9251/4047>. Acesso em 26 mai. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020c. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 28 abr. 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação.** Revista com censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em:
<<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. {tradução de Lólio Lourenço de Oliveira}. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. **Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e521974299, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4299. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MORAIS, Artur G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1. ED.; 2. REIMP. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 238p.

OLIVEIRA, D.; CASTRO, R. F. de; FRANÇA, R. de F. C. **Percepções de professoras sobre o uso pedagógico de tecnologias emergentes: uma investigação em Porto Velho/RO**. Revista Educar Mais, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 410-427, 2020. DOI: 10.15536/reducarmais.4.2020.410-427.1912. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1912>. Acesso em: 2 maio. 2021.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e; GOMES, Matheus; BARCELLOS, Thais. **A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 555-578, Sept. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300555&lng=en&nrm=iso>. access on 27 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362020002802885>.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de.; Araújo, Claisy Maria Marinho. **A relação família-escola: intersecções e desafios**, Estudos de Psicologia, Campinas, 27 (1), p. 99-108, janeiro-março, 2010. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD33pRyhkn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 20 mai. 2021.

SIMÕES, Estela Mari dos Santos e, NOGARO Arnaldo; HILDEGARD Susana Jung. **Teorias da aprendizagem e neurociência cognitiva: possíveis aproximações**, Revista COCAR. V.12. N.23, p. 85 a 113 – Jan./Jun. 2018, Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/cocar>. Acesso em 24 maio. 2021

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2019. 384p.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352p.

VIGOTSKY. L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos**

psicológicos superiores. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1991. 224p.